

A EDUCAÇÃO FRANCISCANA COMO UM AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO

Frei Michael Antony Perry, ofm, Ministro Geral

V Congresso dos Centros Franciscanos de Estudos Superiores Ibero-Americano

Curitiba, Brasil – 30/11-03/12.2015

Prezados irmãos e irmãs,

Que o dom da paz de Deus esteja com vocês!

Às vezes a educação franciscana é caracterizada como um casamento do intelecto e do afeto, uma união de cabeça e coração. Com certeza, cabeça e coração são os “órgãos vitais” de qualquer investimento acadêmico que pediria o manto de São Francisco. Mas, nesta formulação clara não se está esquecendo algo de essencialmente franciscano? Para São Francisco não era suficiente fazer reflexões profundas ou inclusive sentir uma grande compaixão. Ele insistia que essas reflexões profundas e esses sentimentos compassivos tinham que expressar-se com ações. Francisco tinha uma inclinação decidida a favor dos feitos. Rechaçava aprender por aprender. E certamente não tinha tempo para a religiosidade abstrata ou para as boas intenções que morriam na vinha da indiferença moral. Estava convencido de que sem ações concretas, nossas nobres ideias são simples fantasmas e nossos santos desejos são apenas ilusões. Ele era fã de ressaltar que “uma pessoa é tão estudada somente quanto suas ações o demonstram; e um religioso é bom pregador somente quanto suas obras o demonstram”. Além disso, insistia que se, e somente se, os discípulos de Cristo “o fazem nascer através de uma atividade santa”, é que a Palavra de Deus se converterá de novo carne em nossa carne e fará uma diferença real em nosso mundo. Assim, uma educação genuinamente *franciscana* deve estar orientada à práxis: trabalhar, fazer bons trabalhos e trabalhar para transformar o mundo. Algumas ideias sobre cada um desses aspectos:

Trabalhar. No *Testamento* que ditou já em seu leito de morte e no qual revisou os elementos essenciais de sua viagem espiritual, São Francisco escreveu: “Trabalhei com minhas mãos e ainda quero trabalhar; e sinceramente desejo que todos os meus irmãos se dediquem a um trabalho honesto”.

Francisco está convencido de que o trabalho é uma graça. É um presente dado por Deus. Agora, algumas pessoas a duras penas acreditam assim: aqueles que ficam aterrorizados com o barulho do despertador pela manhã; aqueles que contam os dias, as horas e os minutos antes de suas próximas férias; aqueles que vivem para o fim de semana e esperam impacientes a data mais próxima possível para poder sacar todos os seus benefícios. Para estes infelizes trabalhadores, o trabalho é uma maldição. No entanto, São Francisco tinha uma perspectiva diferente. Ele falava da “*graça do trabalho*”. Ele escreveu em sua *Regra de Vida* que escreveu para seus frades: “os frades a quem o Senhor deu a *graça de trabalhar*, trabalhem fiel e devotamente, de modo que, afastando o ócio ... não extingam o espírito da santa oração e devoção, ao qual as outras coisas temporais devem servir”. Para Francisco, o trabalho era um dom, uma bênção, um caminho à santidade, uma maneira prática e concreta de demonstrar o amor por Deus e pelo próximo. Não era apenas um “trabalho de Igreja”, ou as profissões dedicadas a ajudar que Francisco considerava uma atividade cheia da graça. Ele estava convencido de que qualquer classe de trabalho honesto pode ser uma bênção para a vida espiritual de uma pessoa e um benefício para seus irmãos e irmãs. Qualquer bom trabalho humano, quando se realiza em espírito de oração e devoção, pode tornar-se trabalho de Deus, nossa única maneira de unirmo-nos a Deus na tarefa contínua da criação, como o Santo João Paulo II nos recorda na encíclica sobre a dignidade do trabalho humano, *Laborem Exercens* (14 de setembro de 1981).

Eu creio que os educadores franciscanos precisam evitar a superficialidade do conto de fadas de que a educação é um fim em si mesma e que toda fala sobre preparar os seus estudantes para um trabalho no mercado, de um modo ou outro, está abaixo de sua profissão e de sua dignidade profissional. No entanto, o que pode ser mais digno que afirmar a dignidade do trabalho e a dignidade do trabalhador, de todos os trabalhadores, não apenas aqueles que trabalham de colarinho branco e mantêm posições prestigiadas na sociedade? O que pode ser mais digno que expor e dispor a homens e mulheres jovens à “*graça do trabalho*”? Ajudar os seus estudantes a prepararem-se para o trabalho de suas vidas, a adquirir uma ética do trabalho sólida, a sentirem-se orgulhosos dos trabalhos de suas mãos e a respeitar o trabalho dos outros,

- seja o trabalho de quem limpa a casa ou que constrói a casa, de um camponês ou de um operário, de um gari ou de um cirurgião - na verdade qualquer um deles é trabalho muito “franciscano”.

Fazer bons trabalhos. No mesmo capítulo da Regra franciscana que se refere ao trabalho, Francisco também diz: “Deixemos que todos os irmãos sempre se esforcem por fazer bons trabalhos”. Nesse sentido, como em todos os demais, ele estabelece um alto parâmetro aos seus confrades com o seu próprio exemplo. As mãos que reconstruíram as capelas destruídas ao longo da estrada aos arredores de Assis foram as mesmas mãos que tocaram o intocável na sociedade medieval: os leprosos. Francisco serviu àqueles a quem a enfermidade desfigurava e colocava à margem da sociedade. Trocou os curativos das feridas dos leprosos e pediu esmolas para o sustento deles. Abraçou seus corpos debilitados e defendeu a dignidade humana muitas vezes descartada. Os primeiros frades franciscanos saíram das muralhas protetoras de Assis para perto das colônias de leprosos onde Francisco e seus irmãos estavam em casa, entre aqueles que não tinham teto (cf. Michael Cusato, OFM, “Wall-to-Wall Ministry: Franciscan Ministry in the Cities of Thirteenth-Century Italy,” *True Followers of Justice: Identity, Insertion and Itinerancy among the Early Franciscans. Spirit and Life*, 10, St. Bonaventure, NY: Franciscan Institute Publications, 2000, pp. 31-61) e onde Francisco escreveu estas palavras desafiadoras aos seus seguidores de todos os tempos e lugares: “Deixemos que todos os irmãos... se alegrem quando vivem entre as pessoas consideradas de pouco valor e que são olhadas com desprezo, entre os pobres e os desvalidos, os doentes e os leprosos, e os miseráveis à beira do caminho”. Como mencionei antes, tal experiência de estar e viver com os pobres, os marginalizados e os excluídos da sociedade pode ser profundamente transformadora. Com certeza o foi para Francisco de Assis. Essa experiência pode mudar nossos valores. Ela pode mudar nossas metas e prioridades na vida. Ela muda nossa perspectiva sobre as estruturas econômicas e sociais que nos dão forma ou nos deformam. Ela pode mudar o entendimento que temos de nós mesmos, do nosso mundo e do nosso Deus. Este é o porquê *as atividades de serviço-aprendizagem* precisam ser um componente essencial de uma educação genuinamente franciscana, de modo que “os pobres e desvalidos, os doentes e os leprosos, e os miseráveis à beira do caminho” possam ensinar a seus estudantes as lições mais importantes da vida.

Finalmente, **trabalhar para transformar o mundo**. Muitos de vocês estão familiarizados com um incidente dos primeiros dias da conversão de São Francisco a uma vida conforme o Evangelho. Sem a certeza da direção da própria vida que estava tomando e deixando-se guiar por Deus, Francisco rezou diante do crucifixo que pendia na igreja de São Damião, uma pequena capela, em ruínas, à beira do caminho, bem próximo das muralhas de Assis. Quando observava o ícone de Jesus sofredor, Francisco escutou uma voz que lhe dizia: “Francisco restaura e minha casa que, como vês, está em ruínas”. Com sua tendência a favor da ação mais que da mera intenção, Francisco tomou as palavras ao pé da letra. Ele arrumou um martelo de carpinteiro, uma colher de pedreiro e começou a reconstruir o santuário em ruínas.

Com o tempo, claro, Francisco começou a entender que o projeto de construção ao qual Deus o estava chamando era cada vez mais importante e maior que a renovação de uma igreja. Alguns estudiosos franciscanos de hoje argumentam que o projeto de construção concebido pelo homem na cruz foi cada vez mais importante e maior que a renovação e a reforma da Igreja, descrita no credo como “uma só Igreja, santa, católica e apostólica”. A “casa de Deus” é mais que um templo e mais que a comunidade dos crentes cristãos. É nada menos que o mundo, a criação boa de Deus. Isto é o que “caiu em ruínas”. Isto é o que precisa ser reconstruído. Isto é o que requer toda sabedoria e conhecimento, toda destreza e todos os talentos, toda energia e entusiasmo, toda paixão e compaixão de seus estudantes. Por último, isto é para o que vocês os preparam: aplicar o que aprenderam sob os cuidados de vocês para reconstruir a casa de Deus, a transformação do mundo de Deus, a remodelação da criação de Deus, de modo que possa refletir mais claramente a integridade, a justiça e a paz do plano e da proposta criativa de Deus...

Muito obrigado, e que vocês e seus estudantes sejam abençoados com os dons da “paz e todo bem”.